

**REFLEXÕES SOBRE OS SIGNIFICADOS DE RECREAÇÃO E
DE LAZER NO BRASIL E EMERGÊNCIA DE ESTUDOS
SOBRE O ASSUNTO (1926-1964)**

**Prof. Dra. Christianne Luce Gomes
Escola de Educação Física/UFMG**

Resumo

Discussão sobre as trajetórias percorridas pela recreação e pelo lazer no Brasil, focalizando os significados por ambos incorporados e a emergência de estudos sobre o assunto. A estratégia metodológica adotada foi à análise de três experiências institucionais, selecionadas a partir do papel de destaque assumido na literatura da época. Foram identificados significados distintos para a recreação, dependendo da trajetória percorrida em nossa sociedade, do público alvo atingido e das finalidades alcançadas. O lazer permaneceu, no entanto, sendo concebido como um tempo vago e ocioso, que deveria ser adequadamente preenchido. Desde as primeiras décadas do século XX, identifica-se uma preocupação com a problemática do lazer, mobilizando a organização de estratégias de intervenção e estudos sobre o assunto.

Palavras-Chave: Lazer; Recreação;, Brasil.

Palavras Iniciais: lazer e pesquisa histórica

No Brasil, são ainda incipientes as pesquisas dedicadas à discussão sobre o processo de construção histórica do lazer. Preocupada com esta lacuna, nos últimos anos procurei dedicar minha produção acadêmica ao desenvolvimento de alguns estudos nesta perspectiva, o que vem me proporcionando percorrer uma trajetória muito instigante.

À medida que esses primeiros passos foram ensaiados, percebi a premência de continuar buscando elementos, e de estimular essa busca por parte de outros interessados, que nos possibilitem conhecer algumas dimensões do lazer na dinâmica socio-cultural, política e pedagógica brasileira, pois, do ponto de vista histórico, ainda há muito que ser explorado. Isto representa um grande desafio em nosso meio, tradicionalmente alheio à importância e à necessidade da realização de pesquisas de abordagem histórica com enfoque aprofundado, criterioso e crítico.

No meu entender, a história é marcada pelo singular e evoca conexões com o universal; refere-se à particularidade única do tempo e tem, como papel social, efetuar

uma interação entre o passado e o presente. Neste âmbito, busco apoio em Le Goff (1984, p. 163), para quem “o passado é uma construção e uma re-interpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história.”

A interação passado/presente vem me possibilitando discutir e compreender algumas complexas questões presentes nas ações que venho desenvolvendo, na UFMG, junto ao CELAR.

O Problema de Pesquisa

Neste artigo pretendo focalizar, em particular, alguns elementos do estudo realizado ao longo de meu Curso de Doutorado em Educação na UFMG, onde desenvolvi uma pesquisa de abordagem histórica sobre a recreação e o lazer. Esta pesquisa foi dedicada à discussão sobre as trajetórias percorridas pela recreação e pelo lazer no Brasil, focalizando especialmente os significados por ambos incorporados.

Metodologicamente, essa meta foi alcançada a partir da análise de três experiências institucionais, selecionadas mediante o papel de destaque assumido na época e o potencial para a compreensão do problema de pesquisa. Concretizadas pelo poder público no período 1926-1964, essas experiências desenvolveram serviços especializados de recreação, contando ainda com a contribuição de autores cuja produção revelou-se significativa para a sistematização de conhecimentos sobre o assunto.

O problema pesquisado foi articulado em função de algumas questões elaboradas em meu próprio cotidiano profissional. A emergência dos estudos sobre o lazer no Brasil, associada à construção de significados de recreação e lazer em nosso meio, deram origem ao problema da presente pesquisa, instigando minha curiosidade e salientando a necessidade de voltar o meu olhar para a história construída em nosso contexto.

No Brasil já é possível observar, desde as primeiras décadas do século XX, a publicação de algumas obras sobre a recreação, relacionando-a principalmente com a educação. No caso do lazer a situação é diferente: *Lazer Operário*, de Acácio Ferreira, foi publicado no ano de 1959 e é considerado o primeiro livro brasileiro sobre o lazer,

como afirmam vários autores. Se a recreação e o lazer fossem sinônimos, a obra *Lazer Operário* não poderia ser considerada, pelos estudiosos da área, como a primeira publicação específica sobre o lazer no Brasil. Antes dessa obra vários livros sobre a recreação já haviam sido editados e, possivelmente, publicações diversas (jornais, revistas e periódicos especializados) poderiam já ter tratado do assunto, conhecimentos importantes para a emergência de estudos sobre o lazer.

Além disso, o próprio Ferreira (1959, p. 13) esclarece em uma nota de rodapé: “*Exceção* dos trabalhos de Inezil Marinho, Arnaldo Sussekind, Ethel Bauzer Medeiros e de mais alguns poucos estudiosos, nada conseguimos encontrar sobre o assunto. *Com enfoque sociológico e urbanístico* nenhum estudo brasileiro nos foi dado conhecer”. (Grifo nosso).

Desta forma, o texto de Acácio Ferreira constitui um trabalho *pioneiro*, sobre o lazer, *a partir de um determinado enfoque*. Mas, como nos mostrou o autor, havia exceções – e, para mim, tal constatação deveria ser investigada.

Para compreender este problema poderíamos ter seguido várias perspectivas de análise. Entretanto, considerando que a década de 1950 é vista como um marco para a emergência de estudos sobre o lazer no Brasil, intensificando-se em 1970, optei por recuar na história. Evidências indicavam que a produção de conhecimentos sobre a recreação até os anos de 1960 constituía um fecundo referencial para a busca de respostas às minhas indagações. Fui, assim, instigada a compreender os significados de recreação e de lazer no contexto das reflexões sistematizadas sobre o assunto, constatando que muitos dos autores que se dedicaram ao estudo deste tema eram personalidades que estavam liderando algumas experiências institucionais de destaque na época.

Este referencial me permitiu conhecer quando, como e porquê o lazer foi analisado pelos intelectuais da época – distinguindo-o ou tomando-o como sinônimo de recreação; compreender em que momentos as trajetórias percorridas pela recreação e pelo lazer foram distintas, quando coexistiram e em que período e circunstância se sobrepuseram. As experiências selecionadas, bem como os autores que lideravam essas propostas institucionais – e seus discursos – foram definidos, portanto, em função da contribuição que poderiam fornecer para a compreensão do problema investigado.

A periodização da pesquisa seguiu a mesma lógica acima. Os anos de 1926 e 1964 demarcaram o período abrangido pelo estudo, tendo como marcos a criação do *Serviço de Recreação pública* (Prefeitura de Porto Alegre, 1926) e a extinção do *Serviço de Recreação Operária* (Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, extinto em 1964). A outra experiência institucional analisada (*Divisão de Educação e Recreio* do Departamento de Cultura de São Paulo) foi fundada em 1935 e analisada até o ano de 1947, quando ocorre uma ampla reformulação na máquina administrativa da Prefeitura.

Este retrocesso foi fundamental para a análise das matrizes de pensamento que influenciaram a construção de significados de recreação e de lazer no período assinalado. Mesmo ciente de que os significados de um termo mudam ao longo dos tempos, sabe-se que podem permanecer marcados pelas antigas tradições e pelas matrizes que os constituíram inicialmente. No caso dos significados e das trajetórias percorridas pela recreação e pelo lazer no Brasil, este aspecto ainda não havia sido devidamente explorado.

Este estudo não teve a pretensão de construir “a história da recreação e do lazer no Brasil”, mas representou uma tentativa de analisar o percurso seguido por ambos a partir de um ponto de vista particular (Le Goff, 1986). Conforme salientado, procurei delinear as trajetórias percorridas pela recreação e pelo lazer no Brasil a partir do estudo de algumas experiências institucionais desenvolvidas no período em questão, bem como das contribuições de autores expressivos na época.

Contribuições da Literatura

Do ponto de vista etimológico, o lazer se origina dos termos latinos *licere/licet*, cuja existência está documentada em várias obras da antiguidade. Estes vocábulo foram criados pela antiga civilização romana e significavam ser lícito, ser permitido, poder, ter o direito (TORRINHA, 1937; FERREIRA, [19--?.]).

As palavras latinas *licere/licet* estavam relacionadas com o permitido, sobretudo considerando os momentos em que cessavam os deveres e obrigações:

permitido como concessão, e não como direito. *Licere/licet* não diziam respeito a um tempo determinado, regular; mas poderiam ser vocábulos associados com os momentos nos quais os deveres, as obrigações e outras atividades ligadas à subsistência cessavam.

Seguindo as referências geralmente enunciadas pelos estudiosos que defendem a corrente de que o lazer existe desde as sociedades mais antigas, essa questão foi também ressaltada por Werneck (2000). Meu posicionamento, hoje, é fundado no pressuposto de que o lazer não pode ser reduzido ao “não trabalho”, muito menos ser confundido com o lúdico, como sugerem diversos estudiosos do assunto.

Assim, do meu ponto de vista o lazer é um fenômeno autônomo e normatizado gestado no seio das sociedades urbano-industriais do século XIX. Mas o lazer não se restringe aos centros urbanos e/ou industriais desenvolvidos, sendo uma realidade também perceptível nas chamadas sociedades tradicionais cuja influência dos processos de industrialização, urbanização, desenvolvimento tecnológico e difusão dos meios de comunicação de massa, entre outras possibilidades, é expressiva. Assim, o lazer é um fenômeno cultural, social e historicamente constituído em nosso meio (WERNECK, 2003).

Vale lembrar que nas chamadas “sociedades tradicionais” a vida compreende, basicamente, três partes inter-relacionadas: satisfação das necessidades elementares (alimentação, repouso); ocupações ligadas à subsistência (sobretudo a agricultura) e atividades lúdicas (jogos, danças). No meu entender, o campo das atividades correntemente consideradas “lúdicas” – construídas social e historicamente pela humanidade – constituem as raízes do lazer, estabelecendo interfaces com as diversas dimensões da vida em sociedade (trabalho, educação, economia, política). Entretanto, como será exposto a seguir, lazer e lúdico não são sinônimos.

Como discute Bramante (1998), as abordagens sobre o lúdico vêm sendo uma das poucas unanimidades entre os diversos autores que teorizam sobre o significado do lazer. Sobre este aspecto, ponderações de Bracht (2003) indicam-nos que, enquanto em alguns trabalhos predomina uma visão idealizada do lúdico, em outros impera uma conotação extremamente positiva.

Segundo meu entendimento, o lúdico é uma das essências da vida humana que instaura e constitui novas formas de viver a vida social, marcada pela exaltação dos

sentidos e das emoções – misturando alegria e angústia, relaxamento e tensão, prazer e conflito, regozijo e frustração, satisfação e expectativa, liberdade e concessão, entrega, renúncia e deleite. O lúdico pressupõe, dessa maneira, a valorização estética e a apropriação expressiva do processo vivido, e não apenas do produto alcançado. Mesmo que não se possa obter um resultado favorável (como, por exemplo, torcer por um time que não consegue sair vitorioso de uma partida), a sensação é de que a vivência valeu a pena, sendo mantido o desejo de repeti-la e de conquistar novos desafios (WERNECK, 2003).

Mas o lúdico não possui somente uma dimensão “subjetiva”, pois é construído culturalmente e cerceado por vários fatores: normas políticas e sociais, regras educacionais, princípios morais, condições concretas de existência. Por essa razão, o lúdico varia conforme os valores e as referências que orientam um determinado grupo social em diferentes contextos e épocas. Como destaca Alves (2001), essas duas dimensões – subjetiva e cultural – estão na base do lúdico e são interdependentes.¹

Do ponto de vista antropológico a cultura é entendida como um contexto fundamental que possibilita a vivência dos sujeitos conforme seus processos de socialização, de aprendizagem, de tradições, de valores e de outros elementos que constituem o emaranhado simbólico que os envolve. Fundamentada em Clifford Geertz, Alves (2001) esclarece que a cultura é uma condição para a existência humana e pode ser vista como um código, um sistema de comunicação cujo caráter dinâmico é percebido pelas interpretações, significados e símbolos que integram uma realidade mutável e extremamente diversificada. A cultura representa, ainda, um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras e instruções – que orientam o comportamento humano.

Em outras palavras, a cultura constitui um campo privilegiado de produção humana em várias perspectivas, e o lazer representa uma de suas dimensões. Podemos concluir que o lazer não é, desta maneira, sinônimo de cultura, mas um artefato cultural

¹ Para aprofundar a discussão sobre o lúdico, Huizinga (1983) representa uma referência básica e importante, mas vem sofrendo críticas devido à visão de certa forma idealizada e descontextualizada proposta pelo autor. Assim, a leitura da obra *Homo ludens*, de Johan Huizinga, pode ser complementada com as análises efetuadas por Eco (1989).

que oferece elementos para, através de suas manifestações lúdicas, compreendermos um grupo social em um determinado período, suas formas de vida e relações sociais.

Conforme esclarece Marcellino (1987, p. 31), “apesar da polêmica sobre o conceito, a tendência que se verifica na atualidade, entre os estudiosos do lazer, é no sentido de considerá-lo tendo em vista os dois aspectos – tempo e atitude”. Todavia, apesar desses dois aspectos serem importantes para a compreensão do lazer, podemos afirmar que este é construído a partir de quatro elementos inter-relacionados: das *ações*, do *tempo*, do *espaço/lugar* e dos *conteúdos culturais* vivenciados.

O diferencial do lazer perante outras práticas sociais e culturais de nossa sociedade é o fato de que esses elementos *são enraizados no lúdico* e, mesmo passíveis de pressão e interferência do contexto, não adquirem o caráter de uma mera obrigação e não são vistos apenas como um conjunto de tarefas a serem cumpridas. Além disso, expressam um exercício coletivamente construído no qual os sujeitos se envolvem porque a isso se dispõem, independentemente dos motivos que os instigam: divertimento, descanso, convívio social, aprimoramento pessoal, quebra de rotina, relaxamento de tensões, fuga de problemas, aventura, conquista de desafios.

Diante do exposto, do meu ponto de vista o lazer é uma das dimensões da cultura historicamente constituída a partir das *ações* (o que não exclui o ócio), do *tempo*, do *espaço/lugar* e dos *conteúdos culturais* vivenciados, ludicamente, pelos sujeitos. Construído conforme as peculiaridades do contexto no qual é desenvolvido, o lazer implica em “produção” de cultura – no sentido da reprodução, construção e transformação de diversos conteúdos culturais usufruídos por parte de pessoas, grupos e instituições (WERNECK, 2003). Essas ações são construídas em um tempo/espaço de produção humana, dialogam e sofrem interferências das demais esferas da vida em sociedade e nos permitem ressignificar, continuamente, a cultura.

O Desenrolar da Pesquisa

O estudo focalizou, especialmente, o período 1926-1964, mas as discussões procuraram dialogar com aspectos significativos que tenham precedido ou que foram decorrentes deste período. Assim, os capítulos foram divididos conforme as questões

investigadas: Porto Alegre na década de 1920; São Paulo na década de 1930, Rio de Janeiro na década de 1940. Para cada uma dessas três experiências institucionais investigadas foi desenvolvido um capítulo, procurando destacar as particularidades, diferenças e pontos de congruência entre elas, o que foi fundamental para a compreensão dos significados de recreação e de lazer construídos na época, bem como para conhecer a trajetória percorrida, por ambos, no Brasil.

Considerando as experiências institucionais analisadas nesta pesquisa, foi possível constatar que, no decorrer de seu processo de emergência e evolução, o campo do lazer foi configurando-se com o auxílio das propostas institucionalizadas de recreação.

No contexto da experiência institucional deflagrada, em Porto Alegre, no ano de 1926, os significados de recreação foram construídos em estreita relação com a educação física e o esporte, em consonância com a política social e urbana propagada na época. Neste percurso, até 1955, o Serviço de Recreação Pública preocupou-se, sobretudo, com a massificação das atividades físicas nos Jardins de Recreio, logradouros públicos destinados a promover a sadia formação física, social e moral da população gaúcha. Assim, as lideranças políticas determinavam previamente, e com muita precisão, como as atividades seriam conduzidas, porque, quando, para quem e com quem.

Além disso, a recreação, tendo como matriz de pensamento principalmente a educação física, foi entendida como sinônimo de atividades físicas e culturais diversas. Essas atividades integravam, na visão das lideranças, um “programa completo de educação física”. Neste trajeto, a recreação também foi vista como uma metodologia de trabalho diferenciada para a educação física, fosse ela desenvolvida no âmbito do ensino formal, ou da educação extra-escolar.

No que se refere à proposta municipal construída, em São Paulo, em 1935, o significado de recreação não se restringiu ao domínio da educação física, revelando-se, portanto, mais amplo do que a concepção desenvolvida em Porto Alegre. Contudo, na Divisão de Educação e Recreio do Departamento de Cultura e Recreação, até o ano de 1947, predominou a idéia da recreação como um conjunto de “atividades-meio”, com destaque para o jogo infantil organizado. Esta experiência institucional foi idealizada

como parte da política cultural estruturada, pela intelectualidade, com o auxílio de personalidades adeptas do movimento modernista.

A matriz de pensamento que possibilitou a construção do significado de recreação nesses moldes foi a educação, sendo esta fundamentada no pensamento escolanovista. A educação foi também compreendida de maneira abrangente, ou seja, envolvendo neste processo aspectos técnicos, sociais e educativos que deveriam estar presentes no recreio, na assistência e na educação das crianças pobres, filhas de operários. Observamos na proposta paulistana uma grande preocupação com a produção de fundamentos sobre a recreação que, na maioria das vezes, acabou se situando em um nível prescritivo.

Nessas duas experiências institucionais foi identificada, em meados da década de 1930, uma preocupação em preparar crianças e jovens para o adequado emprego de seus momentos de lazer. O significado de lazer identificado tanto na proposta porto-alegrense, como na paulista, foi entendido como um tempo decorrente da ampliação do chamado tempo livre. Este tempo foi regulamentado, em todo o mundo, na primeira metade do século XX, por meio do estabelecimento de leis sociais.

Assim, o “bom uso das horas de lazer” foi visualizado, pelas lideranças dessas municipalidades, como um problema que deveria ser estudado e resolvido. Esta constatação evidencia que na primeira metade do século XX já havia uma preocupação em aprofundar conhecimentos sobre o assunto, o que efetivamente acabou ocorrendo. Com isso, consideramos imprescindível rever a afirmação de que foi apenas a partir da década de 1950 que emergiram os primeiros estudos sobre o lazer, no Brasil, idéia reproduzida por diversos autores da área.

No entanto, a ênfase dos estudos e das intervenções realizadas pelas lideranças das experiências institucionais porto-alegrense e paulistanas foi dada à recreação, e não ao lazer, sendo este tratado apenas indiretamente. No caso da proposta desenvolvida pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, no antigo Distrito Federal, ocorre justamente o contrário. Permanece o significado de lazer como uma fração de tempo, mas, a inevitável ampliação das horas de folga do trabalhador foi o ponto de partida para que as lideranças pesquisassem alternativas para enfrentar este problema. Os estudos sobre a questão das horas de lazer do operariado, referenciados pelos órgãos

internacionais que subsidiavam a política trabalhista getulista, acabaram salientando a importância da recreação, vista como um eficiente meio de educação revestido de grande potencial para solucionar este problema.

Caso não fossem “bem empregadas”, as horas de lazer poderiam contribuir com a degradação da sociedade, sustentando vícios, promiscuidade, ociosidade. Por essa razão, o poder público federal assumiu a responsabilidade de preencher o lazer do operariado com uma proposta de recreação organizada, ou seja, com diversão saudável, educativa e socialmente útil. O significado de recreação, desta maneira, correspondeu à utilização adequada das horas de lazer dos trabalhadores sindicalizados, e suas famílias. À luz do Direito do Trabalho, o trabalho produtivo foi, assim, a matriz de pensamento que possibilitou a construção dos significados de recreação e de lazer no âmbito do Serviço de Recreação Operária.

Para o poder público, ao mesmo tempo as experiências institucionais procuravam promover a diversão, acabavam colaborando com a manutenção da ordem e da disciplina. Inevitavelmente, as regras que imperavam na sociedade acabavam sendo reproduzidas, com vistas a aliviar problemas e sanar males sociais, dentre os quais a ociosidade e a delinquência. Tal como a recreação desenvolvida para as crianças, na adolescência e na idade adulta estas metas poderiam ser alcançadas por meio da realização de práticas culturais com finalidades educativas.

Apesar das intenções de controle, não se pode negar que as propostas de recreação analisadas nesta pesquisa contribuíram com a disseminação de diferentes práticas culturais, principalmente para os segmentos sociais desfavorecidos. Mesmo privado de condições dignas de existência, estes grupos sociais puderam ter acesso a diversas possibilidades de interação social e cultural. Muitas vezes esteve presente a preocupação em proporcionar bem-estar àqueles que participavam dos programas de recreação fomentados pelo poder público, que seguiam os preceitos vigentes em cada época.

Considerações Finais

Para concluir esta exposição, destaco que recreação e lazer tiveram significados distintos no período 1926-1964.² Os sentidos de ambos, apesar de preservarem suas distinções em diferentes momentos e circunstâncias, ao longo dos anos foram se entrelaçando. Inicialmente a recreação esteve direcionada, de maneira geral, para a educação física e para a educação, mas, aos poucos, foi também canalizada para o trabalho produtivo. Daí a importância da recreação para as propostas encarregadas de preencher e organizar, racionalmente, as horas de lazer dos segmentos operários, possibilitando-os vivenciar atividades consideradas educativas e saudáveis.

Assim, as experiências institucionais analisadas revelaram semelhanças e singularidade entre a recreação e o lazer – cujas trajetórias, a princípio distintas, passaram a ser coexistentes, mantendo suas identidades nos diversos momentos do período focalizado.

A dificuldade de compreendermos porque a recreação e o lazer parecem ter trajetórias sobrepostas, hoje, é decorrente do fato de o lazer não ser mais entendido em sua dimensão temporal, concepção hegemônica entre 1926-1964. Este conceito de lazer foi revisto na década de 1970, uma época que o conceito elaborado por Joffre Dumazedier foi amplamente difundido em nosso país. Para o autor, o lazer representa um conjunto de ocupações às quais o indivíduo poderia se entregar, após livrar-se de obrigações de diversas naturezas.

Ora, este conceito de lazer, que o restringe a determinadas atividades, é muito parecido com o significado de recreação construído, em nosso país, até mesmo nos dias de hoje. A recreação vem sendo vista, de maneira geral, como sinônimo de atividades realizadas nas horas de lazer, revelando as congruências entre esses objetos. O programa completo de recreação, proposto por Nicanor Miranda em 1943, por exemplo,

² Conforme evidenciado na pesquisa (Werneck, 2003), a recreação e o lazer foram constituídos a partir da mesma matriz inicial, ou seja, ambos se inserem no campo das manifestações lúdicas. No percurso histórico analisado neste estudo, no decorrer do século XIX a recreação e o lazer foram assumindo características próprias, determinantes para as suas construções como fenômenos autônomos, organizados e normatizados.

é muito similar à classificação dos interesses do lazer elaborada, por Joffre Dumazedier, aproximadamente três décadas mais tarde (Werneck, 2003).

As trajetórias da recreação e do lazer somente serão sobrepostas, em nossa realidade presente, se não tivermos o cuidado de contextualizar e refletir sobre os papéis de cada um deles, buscando compreender a construção de seus significados e entender suas aproximações e especificidades. Desta forma, embora entrelaçados, a recreação e o lazer podem, por meio da trajetória das experiências no campo das chamadas atividades lúdicas, encontrar as marcas que os distinguem.

Além disso, nesta pesquisa foi possível perceber que, apesar de vários autores afirmarem que o livro publicado por Acácio Ferreira em 1959 representa o primeiro trabalho dedicado exclusivamente ao lazer no Brasil, diversos estudos sistematizados já procuravam refletir sobre o lazer na primeira metade do século XX.

Neste âmbito podemos destacar, por exemplo, os conhecimentos aprofundados nas obras de autoria de Arnaldo Sussekind, especialmente o livro *Trabalho e Recreação*, publicado pelo Ministério do Trabalho em 1946. As análises deste autor procuram aprofundar as questões referentes ao trabalho, ao lazer e à recreação, tendo em vista compreendê-los em seus desdobramentos mais complexos.

Apoiando-se em referências nacionais e estrangeiras, Arnaldo Sussekind realizou consistentes estudos sobre o trabalho e as conseqüências sociais da fadiga, sobre o repouso obrigatório e o aproveitamento das horas de lazer dos operários e suas famílias. Para avançar conhecimentos sobre o lazer foi necessário, assim, compreender melhor o seu funcionamento, os processos instituídos, as possibilidades de intervenção. Por essa razão, a recreação foi vista como uma questão de grande relevância social, que demandava e realização de estudos e a criação de recursos, especialmente por parte do Estado, que viabilizassem o aproveitamento do lazer por meio de propostas de intervenção específicas. Assim, os estudos sobre o lazer já estavam configurados e vinham sendo estudados, no Brasil, muito antes da publicação da obra *Lazer Operário*, de Ferreira (1959).

Mesmo que as reflexões sistematizadas sobre o lazer tenham constituído iniciativas isoladas no Brasil, pode ser uma evidência das origens que possibilitaram a

emergência de um campo de estudos, sobre o assunto, na primeira metade do século XX.

Abstract

This paper discusses the different trajectories followed by the concepts of recreation and leisure in Brazil during the first half of the twentieth century. The methodology was based upon historical studies that made possible the analyses of three institutional experiences. The conclusion is that recreation and leisure have had distinctly different meanings during their trajectories as concepts. In the beginning independent of each other, their paths later tended to converge; however, recreation and leisure maintained their specificity during the period studied. Various studies of leisure were elaborated in the first half of the twentieth century. Even though these studies constituted isolated initiatives, they are evidence of the emergence of leisure in Brazil as a field of study.

Key-Words: Leisure, Recreation, Brasil.

Referências Bibliográficas

- ALVES, V. de F. N. A transdisciplinaridade no lazer: corpo, lúdico e cultura. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 13., 2001, Natal. *Anais...* Natal: CEFET/RN, 2001. p. 52-59.
- BRACHT, V. Educação física escolar e lazer. In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. (Org.). *Lazer: recreação e educação física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (no prelo).
- BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. *Licere*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-17, 1998.
- FERREIRA, A. G. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto, [19--?].
- FERREIRA, A. *Lazer operário*. Salvador: Liv. Progresso, 1959.
- GÄELZER, F. G. Recreação pública. *Revista do Ensino do Estado do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, p. 44-45, set. 1951.
- GÄELZER, F. G. Recreação pública; a recreação sob o conceito militar. *Revista do Ensino do Estado do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, p. 39, ago. 1952.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1969. v. 2
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. Campinas: Papyrus, 1987.

- MIRANDA, N. *200 jogos infantis*. Rio de Janeiro: Globo, 1947.
- _____. *O significado de um parque infantil em Santo Amaro*. São Paulo: Sub-Prefeitura de Santo Amaro, 1938.
- _____. *Origem e propagação dos parques infantis e parques de jogos*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1941.
- SUSSEKIND, A. *Recreação operária*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1948.
- _____. *Trabalho e recreação*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1946.
- _____.; MARINHO, I. P.; GÓES, O. *Manual de Recreação: orientação dos lazeres do trabalhador*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1952.
- TORRINHA, F. *Dicionário latino-português*. Porto: Gráficos Reunidos Ltda., 1937.
- WERNECK, C. L. G. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- _____. *Significados de recreação e lazer no Brasil: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- _____. Lazer, história e pesquisa. In: SEMINÁRIO "O LAZER EM DEBATE", 4., 2003. *Coletânea...* Belo Horizonte: Centro de Estudos de Recreação e Lazer/UFMG, 2003. p. 65-76.